

GESTÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM E RESILIÊNCIA EM TEMPOS DE COVID-19

MANAGEMENT OF NURSING CARE AND RESILIENCE IN TIMES OF COVID-19

Daiane Bianchessi dos Santos Moura.

Especialista em Gestão Pública em Saúde. Enfermeira do Hospital da Cidade de Passo Fundo. Fone: (54) 30458075. E-mail: 186657@upf.br

Anelise Rebelato Mozzato.

Doutora em Administração. Professora titular na Universidade de Passo Fundo/UPF. Fone: (54) 33168240. E-mail: anerebe@upf.br.

Maira Sgarbossa.

Mestra em Administração. Pesquisadora do Grupo de Estudos Gestão Estratégica de Pessoas. Fone: (54) 33168240. E-mail: 114278@upf.br.

Resumo:

A Covid-19 trouxe desafios para o sistema mundial de saúde, em especial, aos profissionais da enfermagem, impondo-os a necessidade rápida de resposta e organização de uma força-tarefa de trabalho como elo fundamental do cuidado humano em saúde. Diante do exposto, o presente ensaio teórico objetiva refletir sobre o trabalho dos profissionais de enfermagem durante o cenário da pandemia da Covid-19, no que tange a sua gestão e a resiliência profissional. Verifica-se que gerenciar as diversas situações de estresse, a falta de recursos humanos e materiais, superlotação, a dor da perda de colegas, amigos e familiares, o medo da contaminação, o distanciamento social imposto, a falta de reconhecimento da profissão e as más condições de trabalho, levam o enfermeiro a dificuldades em alcançar a resiliência necessária para desenvolver a gestão da assistência em enfermagem com qualidade. Por mais que respostas conclusivas não sejam possíveis e nem fazem parte do escopo de um ensaio teórico, surgem evidências que são aqui expostas, a exemplo de que os enfermeiros também necessitam de cuidados, justamente para poderem exercer a sua profissão da melhor maneira possível, inclusive, com mais resiliência e capacidade (possibilidade) de fazer gestão da melhor maneira diante das situações mais diversas e adversas.

Palavras-chave: Covid-19. Enfermagem. Gestão de enfermagem. Resiliência.

Abstract:

Covid-19 has brought challenges for the global health system, especially to nursing professionals, imposing on them the rapid need for response and organization of a work task force as a fundamental link of human health care. In view of the above, this theoretical essay aims to reflect on the work of nursing professionals during the pandemic scenario of Covid-19, with regard to their management and professional resilience. It is verified that managing the various situations of stress, lack of human and material resources, overcrowding, the pain of losing colleagues, friends and family, fear of contamination, social distancing imposed, lack of recognition of the profession and poor working conditions, lead nurses to difficulties in achieving the resilience necessary to develop the management of quality nursing care. Although conclusive answers are not possible and are not part of the scope of

a theoretical essay, evidence emerges that are exposed here, such as that nurses also need care, precisely to be able to practice their profession in the best possible way, including, with more resilience and ability (possibility) to manage in the best way in the face of the most diverse and adverse situations.

Keywords: Covid-19. Nursing. Nursing management. Resilience.

1. INTRODUÇÃO

O mundo passou pela mais grave pandemia de uma doença infecciosa causada pelo novo *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (SARS-Cov2). Esta infecção chamada Covid-19 é potencialmente fatal e reflete o maior problema mundial de saúde pública dos últimos 100 anos, comparado apenas com a gripe espanhola que matou cerca de 25 milhões de pessoas entre 1918 e 1920. A pandemia pelo SARSCoV-2 teve início na cidade de Wuhan, região central da China, relacionada a transmissão em um mercado de frutos do mar e de animais vivos, rapidamente se disseminou para todo o país, a Ásia e, em dois meses, atingiu todos os continentes (ROTHAN; SIDDAPPA, 2020).

De acordo com a *World Health Organization* (WHO, 2020), esta pandemia trouxe um grande desafio para o sistema mundial de saúde, pois o crescente número de infectados e a demanda de recursos necessários para o seu enfrentamento foram exponenciais, levando os países do globo a apresentarem números expressivos de doentes que necessitavam de cuidado hospitalar e tratamento em unidades de terapia intensiva. Segundo Medeiros (2020), diante daquela situação, os gestores de saúde necessitaram readequar os hospitais para atender os doentes acometidos pela Covid-19, repensando os fluxos de atendimento interno, buscando incansavelmente garantir o suprimento de materiais e o abastecimento de equipamentos de proteção individual. Além disso, enfrentaram dificuldades para a contratação de profissionais qualificados em prestar atendimento seguro aos pacientes infectados, especialmente nas unidades de terapia intensiva.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu o ano de 2020 como “O Ano da Enfermagem”, sob o lema “onde há vida, há enfermagem”, propondo valorizar a profissão e aumentar as demandas profissionais a nível global através da campanha *Nursing Now*. No Brasil, a campanha teve como principal objetivo fortalecer a educação e o desenvolvimento dos profissionais da enfermagem, com enfoque em liderança, melhorar suas condições de trabalho e estimular os profissionais a compartilhar as práticas exitosas e inovadoras, com base em evidências científicas em âmbito nacional. Porém, inesperadamente, a categoria foi colocada à prova frente a este “cenário de

guerra”, contra um “ser invisível a olho nu”. A projeção da OMS é que faltam no mundo seis milhões de enfermeiros para atender às necessidades de assistência à saúde da população (CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM, 2020).

A realidade brasileira não foi diferente do cenário divulgado pelas entidades internacionais. Os mais de 2,3 milhões de profissionais da enfermagem, um verdadeiro exército, majoritariamente feminino, composto por enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, foram insuficientes em muitas regiões do país para atender as demandas que uma pandemia exige, situação explicita pela necessidade de convocar formandos, estudantes e trabalhadores que já não atuavam na profissão a retomar o seu posto de trabalho (CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM, 2020).

Neste contexto, marcado por inúmeras dificuldades que acometeram o profissional de enfermagem, a capacidade de resiliência destes, tornou-se um tema de relevância para a saúde (BRITO *et al.*, 2020; MAIA; GUIMARÃES NETO, 2021). Pesquisas (LAI *et al.*, 2020; MACEDO *et al.*, 2020; ANIDO *et al.*, 2021) afirmam que os profissionais de enfermagem vivem imersos em uma rotina com estressores internos e externos, que podem interferir na saúde e capacidade laboral. Logo, a resiliência se mostra como um fator protetor, considerando o possível desenvolvimento de agravos a saúde (ANNELLI *et al.*, 2021; OU *et al.*, 2020). Neste sentido, se faz necessário o desenvolvimento de medidas para a promoção e fortalecimento da resiliência nestes trabalhadores (SCHULTZ *et al.*, 2020). Ao encontro do exposto, Chiesa (2005) e Noronha (2009) já apontavam que a capacidade de resiliência na área de saúde é essencial, pois permite aos profissionais fortalecer-se frente as adversidades e participar de forma ativa e crítica diante das inúmeras situações vivenciadas na esfera hospitalar.

Desse modo, Yunes (2003), destaca que a resiliência está entre os fenômenos indicativos de vida saudável, que segundo Sousa e Araujo (2015) o conceito de resiliência está intimamente relacionado à compreensão dos riscos e fatores de proteção, podendo ser transformado na aptidão de não adoecer, mesmo exposto à situações prejudiciais à saúde e ao desenvolvimento. Em sentido semelhante, Flach (1991) aponta que, no contexto social, a resiliência caracteriza-se pela capacidade da pessoa vivenciar uma situação adversa, conseguir superá-la e sair dela fortalecido.

Com base no exposto, busca-se nesse ensaio teórico refletir sobre o trabalho dos profissionais de enfermagem no cenário da pandemia da Covid-19, no que tange a sua gestão e a resiliência profissional. Para tanto, baseia-se na seguinte questão norteadora: Qual o impacto da pandemia da

Covid-19 na gestão da enfermagem e na capacidade de resiliência do profissional? Este estudo está fundamentado em publicações científicas obtidas nas seguintes bases de dados: *National Library of Medicine* (PubMed), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) e alguns sites oficiais.

2. DEMANDAS DA GESTÃO DA ENFERMAGEM DIANTE DA PANDEMIA

A pandemia da Covid-19 impôs aos enfermeiros a necessidade rápida de resposta e organização de uma força-tarefa de trabalho. A enfermagem, como elo fundamental do cuidado humano em saúde, prontamente se colocou no combate ao novo coronavírus e trabalhou incansavelmente para a “derrota do maior inimigo da saúde mundial”, buscando empoderar-se das novas formas da demanda do cuidado exigido ao paciente. Assim, assumiram a sua responsabilidade social e humana, além da necessidade do autocuidado, imposta ao profissional, para evitar sua própria contaminação e proteção da sua saúde mental. Entretanto, estudos como o de Lai *et al.* (2020) apontam que a pandemia trouxe significativo impacto emocional e físico nos profissionais de saúde.

Mesmo assim, aos enfermeiros compete a gestão do cuidado (REISER, 2022) Este, é também responsável em manter o pleno funcionamento do local, com segurança na assistência do paciente, garantindo os recursos necessários, tanto físicos, como materiais e humanos. (NASCIMENTO, 2012). Nesse contexto, é necessário otimizar e planejar a sustentabilidade do “negócio”, atraindo retorno financeiro das contas hospitalares através de auditorias e gerenciamento dos custos da unidade. Com a pandemia, as demandas pelas múltiplas funções dos enfermeiros ficaram ainda mais intensas, uma vez que muitos profissionais atuavam na gestão e assistência.

Diante do contexto pandêmico, a gestão da equipe de enfermagem obrigou-se a repensar os fluxos de atendimento dentro dos serviços de saúde, dos recursos humanos e materiais, para alcançar as tecnologias do trabalho em saúde: leves (acolhimento e gestão como uma forma de governar processos de trabalho), dura (respiradores, monitores, leitos em UTI) e leve/dura (clínica e epidemiológica) (MERHY, 2005). Embora muito foi feito, a fim de mitigar seus impactos, a pandemia seguiu alastrando-se, com preocupantes taxas de mortalidade, exigindo urgência no tratamento pacientes, adoção de medidas para reduzir o contágio e preservar vidas. Ademais, a

demanda dos serviços de saúde se transformou velozmente, com unidades de tratamento intensivo superlotadas, pacientes em situações graves, equipamentos em quantidades insuficientes (BRASIL, 2020; CONZ *et al.*, 2021) e quase 688 mil vidas que se perderam (BRASIL, 2022).

Pereira *et al.* (2020) relatam que a enfermagem enfrenta cotidianamente situações de estresse e necessidade de tomada rápida de decisão, contudo, o cenário que se instalou foi novo do ponto de vista de diversos fatores, levando a urgência de uma resposta técnica, bem como, psicoemocional. Tal fenômeno se tornou alvo da preocupação de pesquisadores e profissionais da saúde mental (psicológicos, psiquiatras e terapeutas ocupacionais). O profissional estava preparado para isso? Como se preparou? Quem o preparou? Houve tempo para se preparar?

No contexto pandêmico, verificou-se que o ambiente de trabalho se tornou altamente estressante, em especial nas UTIs, onde a demanda de cuidado foi de alta complexidade assistencial, alcançando os escores mais elevados. Os pacientes, apresentavam baixa resposta aos tratamentos e ao plano de cuidados, bem como, a incidência de alta taxa de permanência em leitos de UTI, inúmeras complicações, as quais foram desencadeadas pela Covid-19 e a elevação da morbimortalidade. Tais situações, levaram muitas vezes a equipe multiprofissional a um entristecer coletivo, cujo sentimento foi de impotência diante de tantos doentes (CHEW *et al.*, 2020; YUKI; FUJIOGI; KOUTSOGIANNAKI, 2020). Tal sentimento negativo se elevou, quando o profissional enfermeiro precisou cuidar de seus amigos e colegas infectados, que circundados pela disseminação viral, vivenciaram situações emocionalmente tensas, tornando-se desafiador manter o foco no plano de cuidados e garantir intervenções técnicas assistenciais, livre de falhas por “lapsos emocionais”. Alguém ajuda o enfermeiro, por favor!?

Estudos de Jackson *et al.* (2020) e Lancet (2020) com equipes de profissionais de saúde na linha de frente de atendimento de casos de Covid-19, mostraram a exaustão física e mental, dificuldades na tomada de decisão, ansiedade pela dor de perder pacientes e colegas, somada ao risco de infecção e a possibilidade de transmitir para os familiares. As constantes situações de morte e estresse vivenciados em ambientes, muitas vezes, sobrecarregados de pacientes com alto poder de transmissibilidade viral, requeriram um atendimento de enfermagem preciso e cauteloso. (MIRANDA *et al.*, 2020). O medo e incerteza de ser um possível portador da doença levou cada vez mais os enfermeiros a manterem o distanciamento social, a afastar-se de suas famílias e a conviver com a dor da saudade e insegurança. Sendo assim, Huang *et al.* (2020) referem que a vida pessoal

dos profissionais da enfermagem e sua responsabilidade civil, acabaram entrando em conflito, com possíveis consequências na saúde e na segurança do desempenho de suas atividades laborais.

Segundo dados do Conselho Federal de Enfermagem (2020), os profissionais de saúde são particularmente susceptíveis a infecção. No Brasil, bem como em outros países, milhares de profissionais de saúde foram afastados das atividades por terem adquirido a infecção e 30% morreram em consequência da Covid-19. Na Itália, 20% dos profissionais de saúde que estavam trabalhando na linha de frente do atendimento, tiveram a infecção e muitos vieram a óbito. (MEDEIROS, 2020). Nesse contexto, Huang *et al.* (2020), recordam que, apesar do treinamento intenso e de procedimentos técnicos corretos, ainda existe o risco da exposição biológica durante a atividade profissional, que pode culminar na contaminação dos profissionais. As jornadas exaustivas, muitas vezes ultrapassaram os limites humanos. O cansaço, as necessidades fisiológicas, emocionais e, sobretudo, da insegurança ocupacional, levaram ao afastamento do profissional de sua atividade, sobrecarregando ainda mais aqueles que permanecem no labor. Será que o profissional que adoeceu, tinha condições de voltar ao espaço de trabalho? Quem cuidou daqueles que cuidam?

Portanto, encontrávamo-nos diante do caos, fenômeno irreversível ou instável, não reduzível à uma realidade matemática (MORIN, 2014). Caos esse que “invadiu” o mundo, sem permitir sequer, nenhuma forma de preparo. Na visão do autor, foi preciso superar o pensamento que diminui e fragmenta, por outro que distingue, unifica e integra, isto é, por um pensamento complexo, dinâmico e evolutivo, que não adormece. O pensamento da complexidade, iluminador do cuidado multidimensional de enfermagem, ultrapassa a soberania da ordem instituída e concebe a relação dialógica entre a ordem, a desordem e a organização. “Sob esse enfoque, o profissional de enfermagem assume, além de protagonista, um papel mediador e interlocutor do cuidado, o que implica considerar as singularidades e as multidimensionalidades humanas” (BACKES *et al.*, 2020).

3 EM TEMPOS DE PANDEMIA: A RESILIÊNCIA NO PROCESSO DE CUIDAR

Em face a toda situação que se impôs, emergiu mais uma vez a necessidade da resiliência da enfermagem. A resiliência é um componente essencial da liderança eficaz em qualquer profissão/atuação, “definida como a enfrentar situações adversas, manter o foco e continuar otimista

para o futuro, a resiliência é uma característica vital para os enfermeiros no complexo sistema de saúde de hoje” (KESTER; WEI, 2018, p. 55).

Um dos grandes desafios diante da pandemia, esteve no altruísmo de sustentar a resiliência do enfermeiro, que como líder necessitou ser fonte fiel e inspiradora, condutor do caminho seguro para toda a equipe de enfermagem. Portanto, como destaca Cline (2015), buscar desenvolver a resiliência em si mesmos, nas equipes que supervisionam e na organização como um todo, fortalecendo o seu trabalho em um ambiente de saúde, tornou-se cada vez mais complexo. Mesmo que a ciência reconheça que o processo de resiliência não é nato, ou seja, não se nasce resiliente, torna-se, o modo como as pessoas percebem e enfrentam suas adversidades são diferentes (BROWN; WEY; FOLAND, 2018). Logo, potencializar sentimentos de esperança, espiritualidade e fé, auxilia no enfrentamento das adversidades.

Um estudo realizado por Möller e Froehlich (2021), junto a enfermeiros que atuavam em instituições de saúde dos setores público e privado, situadas no Vale do Paranhana, no Rio Grande do Sul, evidenciou que o ambiente no qual os referidos profissionais atuam possui nível alto de estresse. Desse modo, a resiliência é tida como indispensável para a atuação dos líderes, em face dos desafios encontrados na assistência à saúde e, também, na gestão de equipes. Tal capacidade, conforme pontuado pelas autoras, fortalece os profissionais diante das adversidades do cotidiano. Nessa perspectiva, Duncan (2020) já destacava que a liderança da enfermagem deve procurar apoiar a resiliência na força de trabalho e em suas organizações durante crises, como a pandemia Covid-19, e pensar nos efeitos de longo prazo. Embora haja uma riqueza de pesquisas sobre resiliência no contexto de fatores de estresse, como falta de pessoal, envelhecimento da força de trabalho e restrições financeiras, é necessário destacar que situações à exemplo da (im)posta pela Covid-19 afetaram a força de trabalho da enfermagem.

O cuidado não se restringiu ao desenvolvimento de atividades técnicas, mas envolveu também conhecimento científico, sentimentos e emoções. Em contexto de pandemia, o desgaste físico e mental transformou-se em algo “comum” entre estes profissionais. Nesse sentido, Jackson *et al.* (2020) declaram que se torna conflitante o agir com ética e responsabilidade em meio à sobrecarga de trabalho. Aliada a esta condição, a interface com os familiares dos doentes, revelou-se, também, desgastante emocionalmente. As visitas não eram permitidas pela alta transmissão do vírus, evoluindo cada dia mais, a dificuldade em lidar com as emoções e sentimentos da família, que não se conformavam com a dor da impossibilidade de se despedir, no desfecho de óbitos.

Uma das formas de amenizar o desespero e angústia das famílias, esteve em viabilizar vídeo-chamadas por meio de aparelhos celulares. Essa prática, permitiu à família, contatar com o paciente e verbalizar seus sentimentos, porém, mesmo que o enfermeiro tentasse a imparcialidade da situação, dificilmente não sentiu empatia com a condição vivenciada pelo paciente e família, exigindo resiliência.

Os enfermeiros apresentam alto potencial para o desenvolvimento de doenças e transtornos emocionais, relacionados ao exercício da profissão (LE MOS *et al.*, 2021). Tal condição, eleva o risco de afastar-se do seu compromisso e propósito inicial de trabalho, gerando riscos à qualidade da assistência ao paciente (BRAGA; BOCCARA, 2018), necessitando muitas vezes, buscar redes de apoio para enfrentar a situação (CLINE, 2015). Miranda *et al.* (2020), ainda destacam que o tempo despendido para a paramentação e desparamentação, entre os procedimentos que se tornaram mais complexos, limitando e dificultando a realização de funções fisiológicas como alimentar-se, hidratar-se ou ir ao banheiro.

Ademais, Silva *et al.* (2020) destacam que a pandemia da Covid-19, levou a sociedade mundial a resgatar princípios básicos de higiene, como prevenção da contaminação. Ferreira (2012), nos remete ao valor que a precursora da enfermagem moderna, Florence Nightingale, em sua grande capacidade de trabalho e espírito de liderança mostrou seu conhecimento técnico e científico reduzindo a taxa de mortalidade dos soldados ingleses, higienizando o ambiente, garantindo a sua alimentação e luz solar, dando início a reforma das condições sanitárias de todos os hospitais da Inglaterra. Seria o momento pandêmico mais uma oportunidade para a enfermagem fazer a diferença nos sistemas de saúde? Mas essa diferença vem sendo percebida, ou seria apenas um “nada mais que a obrigação”?

Doravante, cabe ressaltar as situações de vulnerabilidades profissionais da enfermagem no Brasil, a exemplo das condições e carga horária de trabalho, falta de piso salarial, plano de carreira, acesso contínuo e de qualidade aos equipamentos de Proteção Individual (EPI), o dimensionamento adequado das equipes e a proteção dos trabalhadores que integram os grupos de risco. (SILVA *et al.*, 2020). No que tange ao dimensionamento da equipe de enfermagem, faz-se importante ressaltar a sensação de impotência e de lacunas em cumprir o plano de cuidados, justamente pelo insuficiente quantitativo de profissionais. Tais aspectos, puderam gerar frustração do profissional e desanimadores resultados, além, da nítida impressão, de estarem constantemente tentando “apagar um incêndio” com gotas d’água.

Os sistemas de assistência médica em todo o mundo podem operar com capacidade acima da capacidade máxima por muitos meses. Mas os profissionais de saúde, diferentemente dos ventiladores ou leitos hospitalares, não podem ser “fabricados” com urgência ou “funcionar” com 100% de ocupação por longos períodos. Era vital que os governos voltassem o olhar aos enfermeiros não apenas como soldados de guerra, com força de máquina, mas sobretudo, como humanos. Os profissionais de saúde são os recursos mais valiosos de todos os países (LANCET, 2020), mas será que ainda restam dúvidas sobre isso? Para favorecer os níveis de resiliência, Guo *et al.* (2019) pontuaram a necessidade da oferta de recursos que estabeleçam uma relação harmoniosa e confortável com o ambiente de trabalho, uma vez que segundo Maia e Guimarães Neto (2021), o bem-estar desses profissionais respinga diretamente na saúde da população em geral. Logo cabe aqui a seguinte indagação: a população estava consciente disso?

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final deste ensaio teórico, tem-se consciência de que muitos dos questionamentos aqui elencados não possuem respostas simples ou até mesmo conclusivas, entretanto é inegável o aumento da necessidade de resiliência e de gestão impostas aos profissionais da enfermagem diante da pandemia. Ou seja, no cenário pandêmico, mais do que nunca, foi de competência da enfermagem buscar o conhecimento necessário para garantir a assistência segura aos pacientes, elaborando protocolos de assistência segura e acompanhando as novas descobertas da ciência para o enfrentamento do Covid-19, planejando o cuidado de enfermagem, preparando e treinando sua equipe.

Entretanto, por mais que respostas conclusivas não sejam possíveis e nem fazem parte do escopo de um ensaio teórico, surgiram evidências que foram expostas. Nesta lógica, entende-se que ficou proeminente a necessária valorização da enfermagem, ainda mais no momento pandêmico, haja visto que, historicamente, os profissionais buscam ter seu trabalho reconhecido. Mais do que palmas na janela, eles almejavam respeito e dignidade no exercício da profissão, tanto pela sociedade, quanto pelos sistemas governamentais. Como salienta Pereira (2020), isso inclui políticas públicas que viabilizassem a segurança no trabalho, a garantia de uma carga horária justa, piso salarial compatível

com a responsabilidade técnica e científica dos profissionais além do quantitativo humano suficiente para atender as demandas.

Ser resiliente acabou tornando-se um desafio neste cenário! Se por um lado a enfermagem tem a sua responsabilidade social, humana e assistencial, por outro existem as questões mal resolvidas sobre a valorização da profissão. Frente a responsabilidade do enfermeiro na gestão da equipe, torna-se evidente a exigência de maiores esforços para manter o equilíbrio entre o físico e o mental do enfermeiro e de sua equipe de trabalho. Diante de tantos desafios, como pontua Duncan (2020), faz-se necessário que a profissão tenha suporte dos serviços de recursos humanos, proporcionando um espaço para escuta e a possibilidade de apoio para auxiliar a desenvolver mecanismos que potencializem a capacidade da resiliência.

Diante do exposto, fica evidente que a pandemia da Covid-19 trouxe impactos relevantes para a gestão da assistência em enfermagem, ainda mais diante da demanda insuficiente de recursos materiais e humanos, especialmente frente aos recursos humanos, que muitas vezes, não possuíam conhecimento suficiente para a gravidade dos casos da doença. Assim, gerenciar as diversas situações de estresse, como a alta complexidade dos pacientes, a falta de recursos, humanos e materiais, a superlotação, a dor da perda de colegas, amigos e familiares, o medo da contaminação, o distanciamento imposto, a falta de reconhecimento da profissão e as más condições de trabalho, levaram o enfermeiro a dificuldades em alcançar a resiliência necessária para desenvolver a gestão da assistência em enfermagem com qualidade.

Assim como Duncan (2020), entende-se ser importante e prioritário desenvolver a resiliência nos profissionais de saúde, ainda mais que, quando aliada a resiliência organizacional, ajudará a gestão de enfermagem a tomar as decisões corretas em situações críticas. Entretanto, não se pode negar a necessária valorização da enfermagem por meio de melhores condições de trabalho e remuneração, possibilitando a gestão da assistência aos pacientes com segurança, qualidade e satisfação do profissional. Certamente estas medidas podem contribuir para potencializar a capacidade de resiliência do enfermeiro para lidar com adversidades, como a da pandemia da Covid-19.

Por mais que a pandemia tenha ensinado muito, fica notório que muito ainda tem que ser aprendido. Certamente os enfermeiros que cuidam também necessitam de cuidados, justamente para poderem exercer a sua profissão da melhor maneira possível, inclusive, com mais resiliência e

capacidade (possibilidade) de fazer gestão da melhor maneira diante das situações mais diversas e adversas.

REFERÊNCIAS

ANNELLI, A. L.; PEREIRA, B. A.; AKIYAMA, G. M. A.; FERNANDES, J. M.; SAILER, G. C. Resiliência relacionada à profissão de enfermagem. **Revista Saúde**, v. 47, n. 1, 2021. <https://doi.org/10.5902/2236583463687>

ANIDO, I. G.; BATISTA, K. B. C.; VIEIRA, J. E. G. Relatos da linha de frente: os impactos da pandemia da Covid-19 sobre profissionais e estudantes da Saúde em São Paulo. **Interface**, v. 25, p. e210007, 2021. <https://doi.org/10.1590/interface.210007>

BACKES, M. T. S.; CARVALHO, K. M. D.; SANTOS, E. K. A. D.; BACKES, D. S. Novo coronavírus: o que a enfermagem tem a aprender e ensinar em tempos de pandemia? **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, 2020. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0259>.

BRAGA, D.; BOCCARA, M. A. Síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem. **Revista Magistro**, v. 1, n. 17, 2018. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/4409>

BRASIL. **Ministério da Saúde. Regulamenta condições de isolamento e quarentena** Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude>.

BRASIL. **Coronavírus – Painel de Controle**, 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 24 out. 2022.

BRITO, S. B. P.; BRAGA, I. O.; CUNHA, C. C.; PALÁCIO, M. A. V.; TAKENAMI, I. Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI. **Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia**, v. 8, n. 2, p. 54-63, 2020.

BROWN, R.; WEY, H.; FOLAND, K. A relação entre fadiga à mudança, resiliência e satisfação no trabalho dos enfermeiros do hospital. **Revista da Bolsa de Enfermagem**, v. 50, n. 3, p. 306–313, 2018.

CHEW, N. W.; LEE, G. K.; TAN, B. Y.; JING, M.; GOH, Y.; NGIAM, N. J.; SHARMA, V. K. A multinational, multicentre study on the psychological outcomes and associated physical symptoms amongst healthcare workers during COVID-19 outbreak. **Brain, behavior, and immunity**, v. 88, p. 559-565, 2020.

CHIESA, A. M. **Autonomia e resiliência: categorias para o fortalecimento da intervenção na atenção básica na perspectiva da Promoção da Saúde**. 2005. Tese (Livre Docência) - Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2005.

CLINE, S. Nurse leader resilience. **Nursing administration quarterly**, v. 39, n. 2, p. 117-122, 2015.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Brasil responde por 30% das mortes de profissionais de Enfermagem por covid-19.** 2020. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/brasil-responde-por-30-das-mortes-de-profissionais-deenfermagem-por-covid-19_80622.html

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM. **Demandas de décadas da Enfermagem se sobressaem no enfrentamento à Pandemia da Covid-19.** 2020. Disponível em: <https://www.corenpr.gov.br/portal/noticias/1057>

CONZ, C. A.; BRAGA, V. A. S.; VASCONCELOS, R.; MACHADO, F. H. R. D. S.; JESUS, M. C. P.; MERIGHI, M. A. B. Experiences of intensive care unit nurses with COVID-19 patients. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 55, 2021.

DUNCAN, D. L. What the COVID-19 pandemic tells us about the need to develop resilience in the nursing workforce. **Nursing Management**, v. 27, n. 3, 2020.

FERREIRA, M. M. Enfermagem: de Nightingale aos dias de hoje 100 anos, In: **Gestão de enfermagem de Florence Nightingale aos nossos dias.** Unidade de Investigação em Ciências da Saúde. Escola Superior de enfermagem de Coimbra. 2012, p. 57

FLACH, F. **Resiliência:** a arte de ser flexível. São Paulo: Saraiva, 1991.

GUO, Y. F.; PLUMMER, V.; LAM, L.; WANG, Y.; CROSS, W.; ZHANG, J. P. The effects of resilience and turnover intention on nurses' burnout: Findings from a comparative cross-sectional study. **Journal of Clinical Nursing**, v. 28, n. 3-4, p. 499-508, 2019. doi: 10.1111/jocn.14637.

HUANG, L.; LIN, G.; TANG, L.; YU, L.; ZHOU, Z. Special attention to nurses' protection during the COVID-19 epidemic. **Critical care**, v. 24, n. 1, p. 1-3, 2020.

JACKSON, D.; BRADBURY-JONES, C.; BAPTISTE, D.; GELLING, L.; MORIN, K.; NEVILLE, S.; SMITH, G. D. Life in the pandemic: Some reflections on nursing in the context of COVID-19. **Journal of clinical nursing**, v. 3, p. 34-45, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.1111/jocn.15257.0>

KESTER, K.; WEI, H. Building nurse resilience. **Nursing Management**, v. 49, n. 6, p. 42-45, 2018.

LANCET, T. COVID-19: protecting health-care workers. **Lancet (London, England)**, v. 395, n. 10228, p. 922, 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30644-9](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30644-9)

LAI, J.; MA, S.; WANG, Y.; CAI, Z.; HU, J.; WEI, N. Factors Associated With Mental Health Outcomes Among Health Care Workers Exposed to Coronavirus Disease 2019. **JAMA**, v. 3, n. 3, p. 777-780, 2020. doi:10.1001/jamannetworkopen.2020.3976

LEMOES, F. L.; REISER, M.; FERNANDES, E.; BARROS, F. L.; BAO, V. L.; VITORINO, M. A. (2021). Saúde mental dos profissionais de saúde em meio a pandemia por coronavírus. **Revista de Extensão e Iniciação Científica da UNISOCIESC**, v. 8, n. 3, p. 1-12, 2021.

MACEDO, A. B. T.; ANTONIOLLI, L.; DORNELLES, T. M.; HANSEL, L. A.; TAVARES, J. P. Estresse psicossocial e resiliência: um estudo em profissionais da enfermagem. **Revista de Enfermagem da UFSM – REUFSM**, v. 10, n. 25, p. 1-17, 2020. <https://doi.org/10.5902/2179769235174>

MAIA, A. O. B.; GUIMARAES NETO, A. C. Resiliência de profissionais de saúde frente à COVID-19. **Revista SBPH**, v. 24, n. 1, p. 147-161, 2021. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582021000100014&lng=pt&nrm=iso.

MEDEIROS, E. A. S. A luta dos profissionais de saúde no enfrentamento da COVID-19. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 33, 2020.

MERHY, E. E. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec: 2005.

MIRANDA, F. M. D. A.; DE LIMA SANTANA, L.; PIZZOLATO, A. C.; SARQUIS, L. M. M. Condições de trabalho e o impacto na saúde dos profissionais de enfermagem frente a Covid-19. **Cogitare enfermagem**, v. 25, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72702>

MÖLLER, B. E.; FROEHLICH, C. A capacidade de resiliência de enfermeiros de instituições da área da saúde. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, v. 18, n. 31, p. 9-24, 2021. DOI: 10.22481/ccsa.v18i31.7597.

MORIN E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2014.

NASCIMENTO, S. **As funções gerenciais do enfermeiro no cotidiano da assistência hospitalar**. 2012. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2012.

NORONHA, M. G. R. C. E.; CARDOSO, P. S.; MORAES, T. N. P.; CENTA, M. L. Resiliência: nova perspectiva na promoção da saúde da família? **Centro de Educação Ambiental/SMMA**, v. 14, n.2, p. 497-506, 2009.

OU, X.; CHEN, Y.; LIANG, Z.; WEN, S.; LI, S.; CHEN, Y. Resiliência de enfermeiros em enfermarias de isolamento durante a pandemia de COVID-19: um estudo transversal. **Psicologia, Saúde e Medicina**, v. 26, n. 1, p. 98 – 106, 2020. <https://doi.org/10.1080/13548506.2020.1861312>

PEREIRA, M. D.; TORRES, E. C.; PEREIRA, M. D.; ANTUNES, P. F. S.; COSTA, C. F. T. Sofrimento emocional dos Enfermeiros no contexto hospitalar frente à pandemia de COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. e67985121-e67985121, 2020.

REISER, M. É tempo de re-iluminar o cuidado de enfermagem: re-conectando florence nightingale ao seu legado. **Revista de Extensão e Iniciação Científica da UNISOCIESC**, v. 9, n. 2, 2022.

ROTHAN, H.; SIDDAPPA B. The epidemiology and pathogenesis of coronavirus disease (COVID-19) outbreak. **Journal of autoimmunity**, v. 109, p. 102433, 2020.

SCHULTZ, C. C.; CORRÊA, K. I. D.; VAZ, S. M. C.; COLET, C. F.; STUMM, E. M. F. Resiliência da equipe de enfermagem no âmbito hospitalar com ênfase na pandemia COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, p. 1-25, 2020. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i11.9466>

SILVA, E. K. B.; SILVA JUNIOR, J. N. O. D.; GALINDO NETO, N. M.; COSTA, L. S. D.; RODRIGUES, K. F.; ALEXANDRE, A. C. S. Arte e ciência do cuidar: alteridade, estabelecidos e

outsiders na autonomia do enfermeiro como profissional liberal. **Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental**, v. 11, n. 1, p. 370-376, 2019.

SOUSA, V. F. S.; ARAUJO, T. C. F. Estresse Ocupacional e Resiliência Entre Profissionais de Saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 3, p. 900-915, 2015. <https://doi.org/10.1590/1982-370300452014>

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **Health workers exposure risk assessment and management in the context of COVID-19 virus: interim guidance, 4 March 2020**. World Health Organization, 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle>.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em estudo**, v. 8, p. 75-84, 2003.

YUKI, K.; FUJIOGI, M.; KOUTSOGIANNAKI, S. COVID-19 pathophysiology: A review. **Clinical immunology**, v. 215, p. 108427, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.clim.2020.108427>